



# CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga  
Presidente do ISB

Artigo nº 170/2011  
Contatos: saturnino.braga@uol.com.br

## CUIDADO COM A POLÍTICA

A Presidenta ingressa na primeira turbulência do seu governo. Aos seis meses finda o período de graça e, coincidência ou não, delineia-se um esboço de crise no horizonte. Não tem a ver com o caso Palocci, que foi pontual e bem resolvido. Tem a ver com outros fatores: as características do regime presidencialista; a figura do presidente anterior; o tamanho e o peso da bancada governista no Congresso e, finalmente, o talento político dela mesma que está na chefia, Dilma Rousseff.

Os brasileiros por duas vezes se manifestaram em plebiscito a favor do presidencialismo. Nunca tiveram uma experiência parlamentarista: a do Império, já esquecida, tinha a figura incontrastável do Imperador, que não era como a Rainha da Inglaterra de hoje, e o golpe militar da República, há 120 anos, copiou o modelo do Continente, bem sucedido na América do Norte, instituindo os Estados Unidos do Brasil, sob o regime presidencialista.

O presidencialismo tem esses dois poderes independentes, Executivo e Legislativo, que devem se harmonizar na sua independência mas que na realidade porfiam entre si quase permanentemente. No parlamentarismo, o governo é do Parlamento, indisputavelmente: em caso de conflito, o Parlamento destitui o Executivo sem traumatismos. No presidencialismo essa destituição, pelo impeachment, constitui sempre um acontecimento gravíssimo e traumático. A disputa de poder é naturalmente crônica e tem de se resolver continuamente através da negociação. Caso não se resolva bem, a qualidade do governo inevitavelmente sai prejudicada.

Esta peculiaridade exige do Presidente do regime presidencialista uma dose elevada de talento político, compreendendo capacidade de liderança e habilidade de negociação, além, obviamente, da sensibilidade para prever dificuldades. Talento para a política é algo bem diferente da competência administrativa, embora seja muito comum a confusão desses atributos na avaliação de candidaturas.

A Presidente Dilma sucede, no cargo, um dos maiores talentos políticos que o Brasil já teve em toda a sua História, e só este fato coloca sobre ela um certo sobrepeso de incumbência. E a esta sobrecarga se soma outra, derivada do crescimento expressivo das bancadas governistas no Congresso, que relegou a oposição a uma perplexidade paralisante mas inflacionou bastante as demandas políticas dessas bancadas, inclusive a do próprio PT, dificultando sobremaneira a negociação interna com a base de apoio capaz de acomodar, equilibradamente, os interesses dos dois poderes confrontantes.

Eis o problema com que se defronta a Presidente Dilma. Seu talento político, que seguramente foi avaliado com cuidado pelo Presidente Lula quando a escolheu, está posto à prova ante a realidade das nuvens de crise que se formam no horizonte. A Nação obviamente espera que o escrutínio de Lula tenha sido correto e que a Presidenta demonstre seu talento. De minha parte, eu tiro boa impressão dos seus primeiros meses de gestão, da sua boa resolução do caso Palocci, incluindo a escolha da nova Senadora para substituí-lo, e aprovo também o passo mais importante que deu neste primeiro movimento de enfrentamento da crise, que foi a nomeação de Ideli Salvatti para intermediar a relação com as bancadas. Conheço razoavelmente bem esta professora inteligente, sensível e rápida no gatilho; acho que sabe morder mas sabe assoprar nas proporções adequadas.

É realmente uma experiência bastante nova, insigne e completa da mulher brasileira no exercício do poder político, o triunvirato presidido por Dilma Rousseff. Há uma atenção mundial sobre ela. Eu confio.